

Caruso, de operário a tenor morreu em Nápoles há 50 anos

Emp 2.2.3.452

Faz agora precisamente 50 anos que Enrico Caruso — "a mais bela voz do mundo" — morreu. Gerações passaram: legiões, de admiradores, que tiveram a ventura de ouvi-lo, desapareceram também. Novos nomes surgiram para a consagração nos domínios da arte lírica. O tempo, no entanto, reaviva cada vez mais o encanto e a pureza daquela voz de ouro. Idolatrado em vida, reverenciado depois de morto, Caruso continua sendo olhado como artista tocado pela centelha divina — um gênio.

Nasceu na mais absoluta pobreza, mas, quando faleceu, ainda moço, aos 48 anos, possuía bilhões, e era adorado pelo mundo inteiro. Filho de camponeses de Nápoles, tais eram as condições de miséria em que vivia a família, que, de 21 filhos, só 3 sobreviveram, morrendo os demais em tenra idade. Quando Caruso tinha 10 anos, seu pai retirou-o da escola, e pô-lo a trabalhar. Todavia, a mãe percebeu nele a vocação genial e, para fazer de Caruso um cantor, ela se submeteu a toda sorte de sacrifícios. E não chegou a ver seu sofrimento florir na mais bela voz do mundo. Morreu quando Caruso tinha apenas 15 anos. Contudo, a lembrança do sacrifício materno proporcionou estímulo ao órfão para prosseguir na carreira de artista lírico. Muitos anos de infortúnio suportou Caruso, até vir a ser um tenor perfeito. Certa vez, um professor de canto rabugento disse-lhe, com crueldade: "Você jamais cantará. Sua voz parece o vento nas venezianas".

A CARREIRA

Caruso foi cantor de bares e cafés. Recebeu dinheiro de muitos apaixonados, para fazer serenatas à janela de Roxanes, vivendo assim Ciriaco de Bergerac na história real do bel-canto. Quando afinal lhe surgiu oportunidade de cantar na ópera, trêmulo e pálido de medo, fugiu do teatro. Na segunda "chance" fez estréia desastrosa: embriagou-se, supondo que assim poderia adquirir coragem para enfrentar o público. Saiu-se mal, e foi despedido. De vergonha, enxarcou-se em pior bebedeira, planejou suicídio. No entanto, sua voz inigualável (a despeito do papelão que fizera, embriagado no palco), impressionara o auditório, e muitos gritaram pelo "bêbado". Aquêlê bêbado iria em breve beber o néctar da glória. Teve trunfo como nenhum outro tenor conheceu igual. No fundo, todavia, conservou-se sempre o sentimental camponês italiano. Acreditava em mau olhado, consultava astrólogo, não vestia roupa nova em sexta-feira. Fumava muito, e limpava sempre a garganta com uísque e soda. Anotava todas as despesas num caderninho. Não gostava de ler. Não cantava em Nápoles, sua cidade natal, porque ali fóra vaiado no princípio de sua carreira. Muitas vezes contemplava o retrato da velha mãe (cuja foto sempre trazia no bolso interior do casaco), e chorava. Foi aos poucos sucumbindo à hipochondria. Morreu enfraquecido por traiçoeira gripe mal curada. Foi uma agonia que durou 6 meses.

CRONOLOGIA DA VIDA DE ENRICO CARUSO

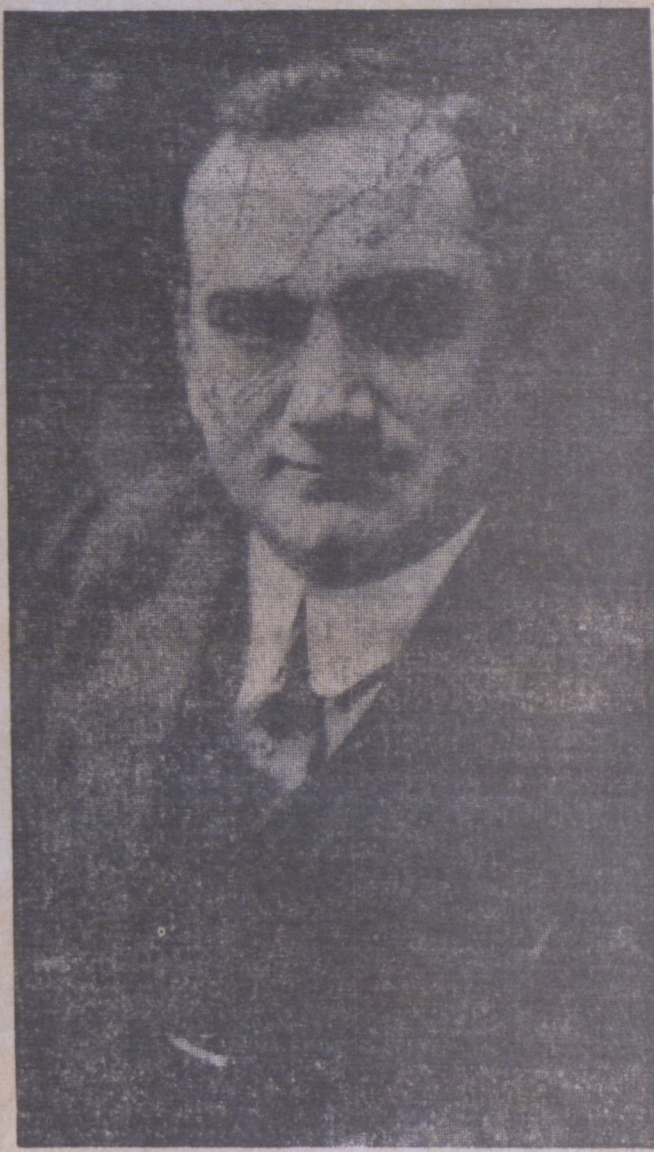
1873 — 27 de fevereiro — Nasce em Nápoles à Via Giovannella, 7. Filho de Marcelino e Ana Baldini.

1883 — Deixa a escola e começa a vida trabalhando como mecânico. Aprende as primeiras lições de canto, com os maestros Schirardi e De Lutio.

1887 — Canta pela primeira vez um oratório na Igreja de seu bairro.

1888 — Enquanto se apresentava na Igreja de São Severino, recebe a triste notícia da morte de sua mãe há muito doente.

1890 — Para ganhar algum dinheiro, canta as noites nos cafés de Nápoles. Encontra-se com um rico admirador, que o anima a prosseguir nos estudos de canto.



1891 — Trava amizade com o barítono Massiano, que o apresenta ao famoso maestro Guglielmo Vergine.

1894 — Caruso é chamado ao serviço militar na cidade de Rieti. Por interferência de seu irmão Giovanni, deixa o exército. Em novembro debuta no Teatro Nuovo de Nápoles, na ópera de Morelli "L'amico Francesco" onde recebe 80 lras por 4 recitas.

1895 — Estréia na famosa "Cavalleria Rusticana" de Mascagni. Viaja pela primeira vez fora da Itália, onde no Cairo canta "La Gioconda" e "Manon Lescaut". Volta a Itália para seguir cantar o "Rigoletto" em Nápoles.

1896 — Canta pela primeira vez a imortal obra de Leoncavallo "I Pagliacci". Ensaia a maravilhosa "La Boneme" de Puccini e trava amizade com a soprano Ada Giachetti, o grande amor de sua vida. Torna-se amigo de Giacomo Puccini. Estréia em "L'arlesiana" de Cilea.

1897 — Casa-se com Ada Giachetti.

1898 — Estréia em "Fedora" de Giordano — Começa a chegar convites de todas as partes do mundo para recitas e apresentações. — Nasce seu 1.º filho, da união com Ada Giachetti. — Vai a Rússia pela primeira vez, onde em Petrogrado é recebido pelo Czar.

1899 — A bordo do navio "Regina Margherita" a 1.ª travessia marítima. Exibe-se na América do Sul (Buenos Aires). Ganhava na época 12.000 lras.

1900 — Canta pela primeira vez no famoso Scala de Milão, na "Bohème" de Puccini. Acolhida fria.

1901 — Canta pela primeira vez no São Carlos de Nápoles na ópera de Donizetti "O Elixir do Amor". Algumas vaias, e jura nunca mais cantar em sua terra. Promessa mantida.

1902 — Em maio vai a Londres e debuta no Covent Garden com "Rigoletto" de Verdi. Conquista com essa exibição o mundo anglo-americano.

1903 — Parte para os Estados Unidos e canta com a famosa Cia. do Metropolitan de Nova York, 607 recitas em 17 anos de contrato. Ganha 1.000 dolares por apresentação. Torna-se o cantor mais querido de toda a América do Norte. Seu nome atravessa fronteiras.

1904 — Viaja todos os Estados americanos em triunfais apresentações.

1905 — Com "Rigoletto" se faz conhecer do publico de Paris no Teatro Sarah Bernhardt. Compra uma vila em Florença. Nasce o 2.º filho.

1906 — Terremoto em São Francisco (USA). Cantava na ocasião a ópera "Carmen" de Bizet. Refugia-se com alguns amigos para as montanhas. Em novembro responde a um processo no tribunal de Yorkville por "disordely conduct".

1908 — Canta pela primeira vez "Il Trovatore" de Verdi no Metropolitan. Começam os criticos a discutir se a sua voz é lírica ou dramática. Recebe nos Estados Unidos a triste notícia da morte de seu pai na Itália. Separa-se em dezembro de sua mulher Ada Giachetti, após 11 anos de união.

1909 — Caruso não está bem. Nervos e garganta estão em desordens. Viaja para a Itália e, em Milão é operado pelo dr. Della Vedova de um mal na garganta.

1910 — Volta aos Estados Unidos e debuta na "Fanciulla del West" de Puccini onde o sucesso foi estrondoso. Nova gripe de neurastemia.

1914 — Depois de 10 anos de ausencia ne palcos da Itália, canta em Roma num espetáculo beneficente.

1915 — Adeus ao publico italiano em "Il Pagliacci", no Teatro Dal Verne de Milão, sob a batuta de Arturo Toscanini.

1917 — Dedicar-se nas férias a representações beneficentes.

1918 — Casa-se pela 2.ª vez em Nova York com a milionaria Dorothy Benjamin. Roda nos Estados Unidos 2 filmes.

1919 — Nasce em dezembro Gloria Caruso, filha de Enrico e Dorothy.

1920 — Durante uma recita de "O Elixir do Amor" em Brooklyn, tem uma forte hemorragia pulmonal, devido a uma gripe mal curada. Em 24 de dezembro à ópera de Halévy "L'ebrea". E' seu adeus a cena.

1921 — Volta à Itália em junho com a família, a bordo do "Presidente Wilson" — Descansa em Sorrento. Em Julho a sua saúde declina. Morre em Nápoles a 2 de agosto.

O SEU REPERTÓRIO

Em 27 anos de carreira, entre os anos de 1894 a 1921, Enrico Caruso, interpretou 57 óperas.

Cantou também oratórios e peças sacras, árias antigas e um número vistoso de romances de camera e canções italianas.

OS SEUS DISCOS

Caruso gravou seu primeiro disco em 1898. Existe entre árias, canções, oratórios, peças sacras, canções napolitanas, perto de 850 gravações.

O SEU PÚBLICO

Cantou Caruso em todos os grandes Teatros Líricos dos países abaixo: França — Inglaterra — Alemanha — Áustria — Hungria — Bélgica — Rússia — Espanha — Portugal — Estados Unidos (17 anos) — México — Argentina — Urugua — Cuba e Brasil, no Rio de Janeiro nos anos de 1903 e 1917 — Esteve em S. Paulo no Teatro Municipal em 1917.

BALAN

Reportagem

Fotografias para casamentos, batizados, aniversários, indústrias, etc. Chame BALAN pelo Fone 9-6048